

Pesquisa e Extensão e Educação Básica: das forças que nos compõem

Davina Marques¹

ORCID: 0000-0002-8025-7759

Antonio Carlos Rodrigues de Amorim²

ORCID: 0000-0002-0323-9207

Resumo: Este trabalho discute, teórica e experimentalmente, atividades desenvolvidas em projetos de pesquisa e extensão em uma unidade do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), explorando os processos de individuação que permeiam os movimentos mais abertos de formação acadêmica, nos *intermezzos* dos programas curriculares. Sustentado teoricamente em autores da filosofia contemporânea francesa, pretende-se contribuir com novas perspectivas de análise no campo da Educação, Linguagens e Artes, discutindo, com a experimentação fílmica, noções de marcas incorpóreas, acontecimento e individuação. Defendem-se os projetos relacionados à história e à cultura indígena, afro-brasileira e africana de língua portuguesa, ressaltando a potência do tripé ensino-pesquisa-extensão dos institutos federais para a promoção de linhas de experimentação e de individuação.

Palavras-chave: educação. arte-educação. pesquisa e extensão. instituto federal.

¹ Professora no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo - Hortolândia (IFSP-HTO), onde integra o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguagem, Ensino e Sociedade (GEPLS). Graduada em Português e Inglês - Licenciatura Plena (UNIMEP) e Pedagogia (UNICAMP) com mestrado em Educação (UNICAMP) e doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (USP).

² Graduado em Biologia pela Universidade Federal de Viçosa, com mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas e Livre Docência nesta mesma Universidade. Pós-Doutorado na Escola de Comunicação do Goldsmiths College da Universidade de Londres. Docente da Universidade Estadual de Campinas, no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais (Olho) e pesquisador associado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor).

Abstract: This work discusses, theoretically and experimentally, the activities developed in research and outreach projects in a unit of the Federal Institute of Education, Science and Technology of São Paulo (IFSP), exploring the individuation processes that permeate the most open movements of academic preparation, in the intermezzos of curricular programs. Theoretically supported by authors of contemporary French philosophy, it is intended to contribute with new perspectives of analysis in the field of Education, Languages and Arts, discussing, with(in) filmic experimentation, the notions of incorporeal marks, event and individuation. Projects related to indigenous, Afro-Brazilian and African Portuguese-speaking history and culture are defended here, highlighting the power of the teaching-research-outreach tripod of federal institutes to promote lines of experimentation and individuation.

147

Keywords: education. art education. research and extension. federal institute.

Resumen: Este trabajo discute, teórica y experimentalmente, las actividades desarrolladas en proyectos de investigación y extensión en una unidad del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de São Paulo (IFSP), explorando los procesos de individuación que permean los movimientos más abiertos de preparación académica, en los intermezzos de los programas curriculares. Sostenida teóricamente por autores de la filosofía francesa contemporánea, pretende contribuir con nuevas perspectivas de análisis en el campo de la Educación, las Lenguas y las Artes, discutiendo, con experimentación fílmica, las nociones de marcas incorpóreas, acontecimiento e individuación. Aquí se defienden proyectos relacionados con la historia y la cultura indígena, afrobrasileña y africana de habla portuguesa, destacando el poder del trípode enseñanza-investigación-difusión de los institutos federales para promover líneas de experimentación e individuación.

148

Palabras clave: educación. arteducación. investigación y extensión. instituto federal.

Apresentação

*e de tudo vai ficando um pouco
um pouco da luz amarelada na pele negra e enfeitada de cores
um pouco das ondas em contínuo ir e vir...*

*um pouco da sonoridade fica
um pouco de lugares (des)conhecidos
um pouco das gentes também*

Davina Marques
Reverberando Drummond

Entre dobras e desdobras de pensamentos e movimentos que nos atravessam na experiência docente, apresentamos resultados parciais de projeto de pesquisa e de criação em Pós-Doutorado em Educação, atrelado a processos de ensino, de pesquisa e de extensão, que foram possíveis dentro da legislação vigente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP).

A Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, indica claramente o que viriam a ser os institutos federais. Em seu Artigo 2º, lê-se que são “instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino”, “equiparados às universidades federais” (BRASIL, 2008b). E entre seus objetivos, suas finalidades e características, reforça-se a oferta de educação profissional e tecnológica, verticalizada da educação básica de nível médio até os estudos de pós-graduação, com programas de ensino, pesquisa e extensão.

Dentro de um recorte de experiência docente do IFSP de 2014 a 2020, revisitamos ações de ensino atravessadas por atividades de pesquisa e de extensão no Câmpus Hortolândia, nesse tripé que sustenta a proposta de educação da instituição. No recorte que apresentamos, houve coordenação de 4 projetos de pesquisa (um por ano) e 9 projetos de extensão.

Escolhemos, em especial, aqueles ligados à temática proposta pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP (NEABI), em consonância com a Lei nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que determinou a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana nos currículos escolares, e a Lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008a), que incluiu no currículo oficial da

rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira e Indígena”. Os projetos chamam a atenção para esses temas, com a potência de, nas brechas, escapando a modelos previamente definidos, contagiar as pessoas envolvidas, de forma prazerosa, mais livre e mais engajada (HOOKS, 2017).

Reconhecemos a necessidade de se dar a ver e a ler, cada vez mais e melhor, a literatura e as obras realizadas por artistas indígenas, afro-brasileiros e africanos. Por uma questão de formação pessoal, trabalha-se no câmpus com a questão africana e indígena em um recorte ligado à língua portuguesa, explorando obras indígenas e afro-brasileiras no nosso país e da África Lusófona, sempre dentro de uma perspectiva comparada (MARQUES, 2013).

Félix Guattari (2012) dá início à nossa sustentação teórica, apontando para uma revolução permeada por relações de forças visíveis, entre domínios da sensibilidade, da inteligência e do desejo.

Os projetos de pesquisa e de extensão em uma instituição de educação como o IFSP têm exatamente esse potencial de afetar as pessoas que se envolvem com eles, “[...] pela promoção de práticas inovadoras, pela disseminação de experiências alternativas, centradas no respeito à singularidade e no trabalho permanente de produção de subjetividade, que vai adquirindo autonomia e, ao mesmo tempo, se articulando ao resto da sociedade.” (GUATTARI, 2012, p. 44). São movimentos moleculares, conforme nos ensinam Guattari e Deleuze, que funcionam nas fendas e brechas daquilo que é molar em nossa sociedade (DELEUZE; GUATTARI, 2006; 2004, 2002a; 2002b). Molaes são as estruturas e as instituições que funcionam como mecanismos de manutenção de poder no universo capitalista, do aparelho de Estado. Moleculares são as linhas nômades, de fissura, de fuga, de criação, máquinas de guerra que escapam à lógica molar. Moleculares são as possibilidades que a pesquisa e a extensão inscrevem nos programas de formação do IFSP. Em especial, os projetos nas áreas de educação e de cultura como respiros dentro do universo majoritariamente técnico dos institutos federais. Em se tratando da temática africana, afro-brasileira e indígena, que é o caso dos projetos discutidos aqui, muito mais pertinentes se fazem, dada a sua centralidade na formação de estudantes e das pessoas envolvidas comunidade a fora. A extensão e a pesquisa criam asas e saltam para fora das estruturas curriculares previamente definidas. E, quando o trabalho se dá com bolsistas de nível médio, o impacto em seu desenvolvimento se torna mais claro ainda.

Para realizar esta pesquisa, adotamos o contínuo entrelaçamento dos estudos com experimentação escrita e visual, sempre à luz dos pressupostos da cartografia.

Reconhecemos a pesquisa na área de Linguagem e Arte em Educação também como espaço aberto à experimentação. Através da criação, é possível questionar modos de existir em um incessante des-aprender que foge à lógica da acumulação e da medição dos conhecimentos. Interessa-nos a dimensão da experiência e da abertura, os efeitos que produzem sobre as subjetividades e como isso se inscreve na experiência educacional e a amplia. Buscamos a invenção de um modo de “ver para enxergar aquilo que não é visível, ver para captar da realidade sua dimensão de excesso, de beleza, de horror, de intolerável, de assustador” (PELBART, 2000, p. 94), em tantas das suas muitas dimensões. Buscamos o esgarçamento daquilo que é singular nas experiências realizadas, inclusive para dar vazão a pensamentos múltiplos e em aberto sobre a cultura, as africanidades e as questões indígenas, que foram tema dos projetos realizados em nossa instituição, dentro deste recorte.

Retomando a epígrafe desta apresentação, trata-se de destacar, através da retomada e da experimentação, o que ficou, as potências do que se realizou.

Assim, a questão da transversalidade, de como as forças nos atravessam e nos constituem, faz parte deste trabalho. Da cartografia, ainda nas trilhas rizomáticas de Gilles Deleuze e Félix Guattari, das redes de articulação e de composição de Bruno Latour, conforme exposto por Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e seus parceiros (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264) lembramos: “A cartografia é um método de investigação que não busca desvelar o que já estaria dado como natureza ou realidade preexistente. Partimos do pressuposto de que o ato de conhecer é criador da realidade [...]”. Lidar com a realidade é participar do processo de sua construção, continuam esses autores, com abertura a todo um plano de forças imanentes, com acompanhamento de processos de um coletivo de forças, habitando territórios, subjetividades e paisagens existenciais; tem a ver com participação, inclusão e tradução. Para garantir isso, continuam, é necessário protagonismo e pertencimento; precisa-se pesquisar *com*. “O pesquisador sai da posição de quem – em um ponto de vista de terceira pessoa – julga a realidade do fenômeno estudado, para aquela posição – ou atitude (o *ethos* da pesquisa) – de quem se interessa e cuida.” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 272). E, no cuidar, é

necessário também compreender uma certa ‘tradução’ como processo de *aventura* e de sintonia no plano das forças, um *felt-meaning* (sentido imbuído), que possa ser (re)experimentado ao tornar sensível, pois traduzir é: “[...] entrar em contato com a dimensão afetiva, intensiva, intuída e não verbal do texto. [...] desverbalizar as unidades de sentido e, por fim, expressar essas unidades num novo discurso” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 275).

Reafirmamos, adotando essa metodologia, um compromisso ético e político: “Ter um mundo às mãos é comprometer-se ética e politicamente no ato do conhecimento.” (KASTRUP; PASSOS, 2013, p. 264), com atenção a *incidentes* e *acontecimentos*, com a potência, apontada por Cláudia Leão e Maria dos Remédios de Brito (2020, p. 143), de “[...] partilhar um processo, cambiante, incerto e nesse mover deixar brotar o por vir com boniteza, ética e amor”.

Nessa incursão sobre nosso jeito de fazer, destacamos o fato de que pesquisadoras e pesquisadores contemporâneos no campo da educação que transitam pelo universo das artes e das poéticas visuais têm apostado nos acontecimentos e em registros da memória como critérios diferenciados para a pesquisa, dando à pesquisa e à escrita acadêmicas um fazer diferenciado (PAULINO, 2020).

A pesquisa que lida com sua própria realidade, a partir de um determinado lugar, a pesquisa centrada em sujeitos, pode assumir um tom lírico e teórico, tão político quanto pessoal e poético, como afirma Grada Kilomba (2019) sobre a sua pesquisa. Tentamos produzir nesse tom, mesmo ao aprofundar possíveis memórias difíceis como essa autora, e perseguir devires. Nossa proposta é pensar (com) imagens, com as artes e com os processos criativos, nos encontros com as diferenças, nos dizeres da pesquisadora Alik Wunder (2019). Assim construímos nossas redes e conexões.

E, apesar de defendermos uma perspectiva de que não deveríamos separar o que se mistura, nesta escrita há uma compartimentação a fim de deixar mais claros alguns movimentos, para, no final, tudo se reencontrar. Na próxima seção, *Um pensamento sobre as forças que nos compõem*, aprofundaremos alguns pressupostos teóricos que nortearam o nosso trabalho, atravessados por exercícios de experimentação fílmica para nos permitirem ver com outros olhos e sentidos.

Um pensamento sobre forças que nos compõem

Há todo um embasamento teórico que sustenta o pensamento sobre educação que permeia as experiências realizadas nos projetos apresentados aqui do IFSP e naqueles vinculados ao Laboratório de Estudos Audiovisuais da Faculdade de Educação da UNICAMP³. Na perspectiva da filosofia da diferença e, de forma mais radical, dentro de uma aposta que instiga a experimentação, nos projetos realizados sob a coordenação do professor Antonio Carlos Rodrigues de Amorim e de Alik Wunder observam-se, entre outras forças, as questões da criação coletiva e dos atravessamentos nos movimentos da educação nas pesquisas, particularmente, na escrita acadêmica e em oficinas e residências artísticas. Há algo de partilha do sensível (RANCIÈRE, 2009) nos trabalhos realizados no Humor Aquoso, o grupo de pesquisa coordenado por essa dupla de professores.

Entre lições aprendidas, sabemos que o envolvimento com material artístico (escrito e visual) funciona, em oficinas e encontros, como disparadores de todo tipo. Memórias, afetos, afectos, histórias, criações, algo de maquínico se desenvolve nos encontros atravessados por arte literária, audiovisual e escrita criativa. Aquilo que acontece, apontado no parágrafo anterior, não é planejado e organiza-se em experiências da ordem do acontecimental, da individuação, que pretendemos discutir adiante. Há algo de maquínico que se institui na experimentação; algo vai e vem como em *ritornello* deleuze-guattariano. Singularidades afloram nas atualizações das camadas virtuais de passado atualizadas no presente e nos *intermezzos*, no *entre* das ações realizadas. Uma força vital escapa aos processos de captura e de repetição quando ela deixa de ser cerceada (PRECIADO, 2018) e a liberdade é pressuposto nas experimentações que propomos. Quando convidamos participantes para trazerem seus materiais, seus livros, seus objetos e suas imagens para os encontros, também podemos ser surpreendidas e surpreendidos por aquilo que ainda não conhecíamos.

Reafirmamos, portanto, com Sueli Rolnik (2018), a relevância do “hiato”, do corte que pode levar à singularização, quando um “saber-do-corpo” se atualiza e é reapropriado através de afetos, linguagem, imaginação e desejo, com as estratégias de fuga e de transfiguração realizadas em grupo. Trata-se de um enfrentamento vital e micropolítico, que Rolnik ainda entenderá como clínico, posto que nos permitirá imaginar outros mundos possíveis, em devires-larvas.

Trazemos, nesta seção, a potência das obras fílmicas e artefatos visuais como experimentação. A primeira delas é um convite para (re)ver o filme *Fabulografias*, editado a partir de composições do projeto homônimo.



fabulografias - 15 min 54 seg - cor/estéreo - 2015
<https://www.youtube.com/watch?v=2NL12JnNNVs>

Entendemos que, ao experimentarmos algo de maneira singular, somos afetados para sempre e não seremos mais os mesmos. Revisitamos alguns desses movimentos singulares, ou aberrantes (LAPOUJADE, 2015), tendo sempre em mente a experiência do Coletivo Fabulografias⁴ que, desde 2010, realizou encontros de experimentação coletiva com as linguagens audiovisuais em torno da temática das africanidades, potencializando conversas e pensamentos sobre identidades, diferenças, poéticas e fabulações escritas e imagéticas.

Entre livros, imagens e objetos, esses encontros e oficinas uniram pessoas de escolas e espaços de formação, jovens e crianças, artistas, pesquisadoras e pesquisadores: “[...] as criações fizeram-se de forma múltipla, num movimento de abertura ao *toque* e ao *contágio* da arte” (WUNDER, 2011, n. p.). São obras, pesquisas e extensões dançarinas, acontecimentais, como já afirmamos.

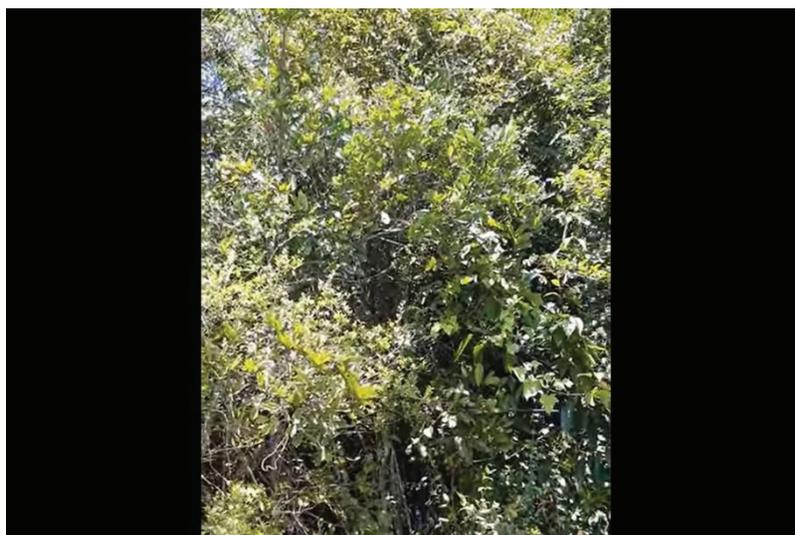
Atualmente mais envolvida com a questão indígena do que com a questão africana, Wunder (2019; 2020; 2021) continua, no entanto, defendendo uma escuta e uma leitura atenta dos conhecimentos e das histórias de povos silenciados, apostando na ação micropolítica das experimentações e das ações. Nesse sentido, trata-se de uma ação relevante para a causa afro-brasileira e africana: um desejo de germinar outros mundos e de descolonizar regimes conceituais na educação

⁴ Conheça mais sobre o Coletivo Fabulografias e suas produções em: www.fabulografias.weebly.com.

(WUNDER, 2021). Trata-se de apreender, via experimentação, o movimento dos encontros para além das pessoas. O não-humano pulsa também em nós, como reverberação, como ressonância (ROLNIK, 2018). E algo acontece. É preciso atenção para olhar e ver.

Um dos projetos de extensão que realizamos durante três anos foi o *Cine-debate: a questão africana, afro-brasileira e indígena em pauta*. O projeto permite a divulgação e as rodas de conversas sobre temas que aproximam distintos grupos na comunidade interna e abre-se para a comunidade externa, com estudantes levando a pauta negra e indígena para escolas de educação básica, para ONGs e para eventos abertos ao público. Entre nossas ações, houve também o envolvimento com os nossos cursos superiores (Licenciatura em Matemática e Análise e Desenvolvimento de Sistemas), quando levamos filmes para discussão em sala.

E, como se coloca no filme *Fabulografias*, as Áfricas ventam por nós. Nos Cine-debates também *povos indígenas ventam por nós*. Com um vento, um aceno no ar. Acontecimento.



um aceno no ar - 1 min. 36 seg. - cor/estéreo - 2021
<https://youtu.be/gFF-VjE95j4>

O acontecimento é o incorpóreo que paira entre ressonâncias e dissonâncias. Tem a ver com a emergência do novo, com agitações e rupturas, com discursos que se desequilibram e reorganizam-se (WUNDER; MARQUES; AMORIM, 2016). É rachadura, dobra no real (VILELA; BÁRCENA, 2006). É folha ou borboleta? Explosão quase ínfima de amarelo no ar. Intriga. Convida. Atrai.

Movido pelo desejo ou por uma política do desejo, um acontecimento pode (des)fazer-se em devir das subjetividades, em turbulência, em ímpeto de

agir – um mover-se. Nesse sentido, quando a subjetividade se coloca à altura do que acontece, o desejo cumpre uma função ética de agente criativo de mundos outros, de gérmenes do futuro (ROLNIK, 2018). O acontecimento é resultado de um movimento de insurgência micropolítica, em processos de criação e de experimentação (ROLNIK, 2018). No acontecimento há elementos “vindo-a-estar-juntos”, na imanência de coisas que “saem de si para estarem juntas, para se unirem” e isso “muda o significado de “entre”. Entre não é mais a distância externa que separa duas coisas. É um coenvolvimento, uma participação que une e dispõe as coisas juntas em mudança”, é coincidência: continuidade sem apagamento de diferenças (MASSUMI, 2019, p. 32 e p. 35). O encontro com o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guattari nos incita um gosto pelo acontecimento (AMORIM, 2020 e 2012; WUNDER, 2009), um acontecimento que cria o possível intensificado pelos desejos, entre vertigens, sonambulismos, sonhos, como planos de composição, em que não importam os objetos, suas formas e suas cores, mas as sensações (AMORIM, 2012, p. 50)⁵. Algo muda tudo, desloca as potências e as capacidades.

Para Lapoujade (2015, p. 137), trata-se de envolver-se “[...] no *sentido* do acontecimento”, afinal, os acontecimentos não ocorrem na superfície do pensamento; atingem o corpo em profundidade; não se separam de sua efetuação nos corpos, pois resultam disso. Os acontecimentos, continua o pensador francês, são exteriores às coisas e aos corpos, embora sejam “[...] um ‘efeito’ de suas relações” (p. 122, destaques do autor). Os acontecimentos têm existência na fronteira da linguagem.

Poderíamos dizer que há abertura para o acontecimento quando alguém diz sim a uma chamada para participação, quer seja candidatando-se como bolsista, quer seja como participante do projeto de pesquisa ou de extensão. Esse “sim” abre uma fissura nas nossas atividades rotineiras, abre um espaço-tempo diferenciado para que se faça conexão com algo mais, algo além.

Nos quatro projetos de pesquisa que coordenei até agora no nosso câmpus, trabalhei com jovens de Ensino Médio: Experimentos: por entre questões afro-brasileiras e indígenas (em 2017); Por entre questões indígenas, afro-brasileiras e africanas (em 2018); Questões africanas, afro-brasileiras e indígenas: leituras comparadas (em 2019 e 2020). Nas palavras de uma das bolsistas: “realizar o projeto de pesquisa foi como mergulhar em um novo mundo, antes desconhecido

⁵ Esse e outros livros do GT Currículo da ANPed podem ser acessados aqui: <https://www.fe.uni-camp.br/gtcurriculoanped/publicacoes.html>.

e aparentemente distante, mas agora tão próximo e magnífico. A porta de entrada para esse novo mundo foi a literatura, e não podia ser de uma forma melhor” (VIEIRA, 2022). A partir de múltiplas leituras – autoria final escolhida entre parênteses, estudamos a questão da narrativa indígena de autoria branca e de autoria indígena (José de Alencar e Daniel Munduruku), a questão da mulher negra e da mulher indígena na literatura (Conceição Evaristo e Eliane Potigura), o menino negro e o menino indígena (Ondjaki e Daniel Munduruku), o preconceito contra o indígena (Moacyr Scliar e Daniel Munduruku). Nas palavras de uma outra bolsista: “um processo de construção do conhecimento que não parou nos livros, nas oficinas, nos relatórios” (SANTOS, 2022). Estudantes de vários projetos se encontravam para planejar os próximos passos de seus trabalhos e atuavam em parceria nos eventos dentro e fora da escola, sempre a partir da arte literária, da arte imagética – fotografia e cinema, das manifestações culturais. Acenos no ar – para nós e para quem se envolvia nas nossas ações.

Para aprofundar a relação dos acontecimentos e da força que emana da arte, trazemos para a nossa discussão o trabalho do pesquisador português José Gil (2005)⁶. Gil discute como as obras de arte têm algo que ele vai chamar de “contorno do vazio” e nos dá dois exemplos para entendermos essa ideia. Primeiro, fazendo-nos pensar no rosto de alguém que sorri, mas que percebemos como dissimulado, não sincero, como se houvesse algo, uma ‘sombra’ presa a esse sorriso que vemos. Da mesma forma, uma palavra dita ou lida pode ter seu sentido invertido por entonações, gestos ou contextos, inclusive de entonação. Como uma sombra imperceptível e percebida, há um contorno nessa palavra, que ele chama de ‘contorno do silêncio’. Essa percepção nasce do deslocamento entre contextos. No caso da obra de arte, na pintura, Gil entende que esse contorno do vazio é a “forma de uma força” e, por não ter traçado figural, trata-se de uma qualidade intensiva própria de uma certa atmosfera do quadro. Essa atmosfera, sem bordas, como força, organiza-se em uma ‘faixa vazia’, ‘uma separação não visível’, um intervalo, que abre tensões, é povoada, organiza-se como “[...] intensidade pura, concentrada, amplificada, ‘saturada’ [...]” (GIL, 2005, p. 29).

O vazio – uma diferença, um intervalo, algo irrepresentado – está “inscrito” como uma “não-inscrição” na obra, continua o pensador português. Segundo Gil, a obra de arte vai exatamente inscrever esse lugar perdido da não-inscrição e, ao fazê-lo, traça “um plano de movimento; [...] a área de uma circulação infinita

⁶ Cf. AMORIM, 2007.

de forças, em que o possível se reúne ao infinito” (GIL, 2005, p. 32). Explorar esse contorno em *intermezzos* é um dos movimentos da experimentação que nos interessa. *Intermezzos* como *entres*, como, por exemplo, os momentos dos projetos de pesquisa e de extensão em que nos formávamos, estudando e fazendo saídas para museus e espaços culturais; como os períodos em que nos reuníamos para planejar uma ação, uma atividade, uma oficina; como as participações em eventos; como as paradas em que avaliávamos o que havíamos feito; como nas experimentações e nas criações artísticas⁷.

O incorpóreo dos acontecimentos nos envolvia, contagiava-nos. Por isso o acontecimento pode ser promotor de novos agenciamentos, de reorientação singular das condições da experiência, e tem relação com individuação⁸, com as forças que nos compõem (MANNING, 2019). Disse uma bolsista: aprendi “que curiosidade e experimentação são as bases para não só construir conhecimento, mas ver significado nele, vivê-lo e compartilhá-lo com os outros, de forma que assim se vive a vida” (SANTOS, 2022). E uma outra: o projeto funcionou para “ressignificar a minha existência e a importância da minha voz quanto a minha ancestralidade, a minha forte e potente raiz” (FONSECA, 2022).

Do ponto de vista filosófico, o texto de Luiz Orlandi (2015) aponta a força da ideia de individuação no pensamento de Gilles Deleuze. O indivíduo, afirma o pesquisador brasileiro, não é um “ser concreto”; é preciso levar em conta a imanência entre individuação e indivíduo; é preciso conceituar a individuação como uma operação complexa que é ativada em um indivíduo como “meio de individuação”. Ou ainda, nas palavras de Gilbert Simondon, só se pode falar em individuação e não em indivíduo: “O indivíduo não é um ser, mas um ato” (SIMONDON apud BARTHÉLÉMY, 2012, p. 213).

Orlandi (2015) destaca como Deleuze aponta o Fora e as relações em um mundo feito de tecido “conjuntivo”, onde a conjunção “e” destrona o verbo “é” em um funcionar rizomático. Estamos imersos em um campo intensivo de individuação, sempre: “A individuação é intensiva e se encontra suposta por todas as qualidades e espécies, por todos os extensos e partes que vêm preencher ou desenvolver o sistema” (DELEUZE, 2002, p. 132).

Simondon interessou-se em pensar o intervalo entre um dito indivíduo “pronto” e o princípio de individuação. Orlandi explora o texto de Deleuze

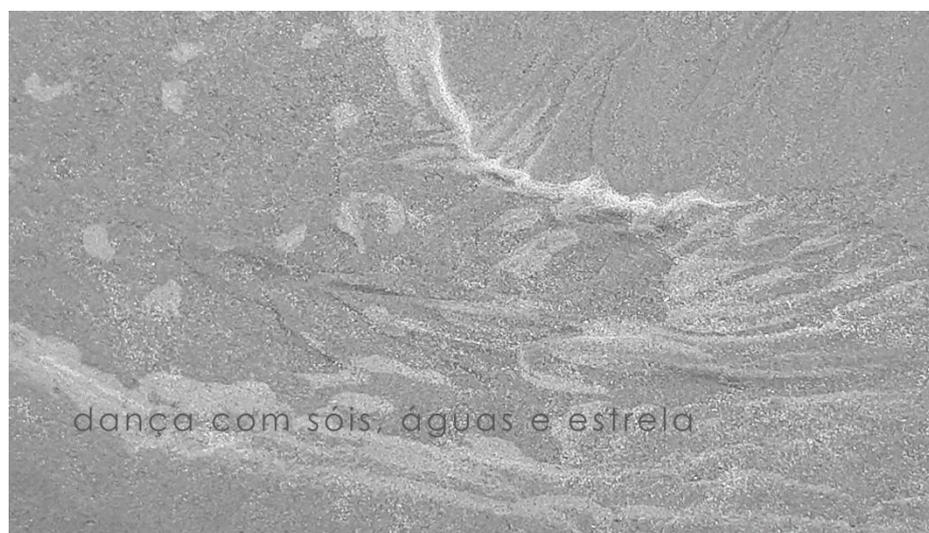
sobre a obra de Simondon (DELEUZE, 2002, p. 120), em que o filósofo francês qualifica como profundamente original a teoria simondoniana de individuação. Nesse texto, Deleuze termina afirmando que, na ontologia elaborada por Simondon, o Ser nunca é Uno (como pré-individual, é simultâneo de si mesmo; individuado, é múltiplo, polifasado, apto a novas operações e devires). A partir desse entendimento, segundo Orlandi (2015, p. 79): “[...] devo pensar o indivíduo que vejo como sendo um precário, mutante e mutagênico revestimento de uma individuação que se agita por ser “organização de uma solução”, por ser “resolução para um sistema objetivamente problemático”, pois vivemos imersos em um fora de nós mesmos, que não temos como dominar, de cuja imanência e de cujos dramas participamos.

Com Elizabeth Grosz (2012), apontamos que a teoria de individuação tem implicações para questões que nos são caras, como as lutas feministas, antirracistas, minoritárias e políticas. A autora destaca exatamente as forças pré-individuais que permitem a emergência da individuação, quando atualizadas. O indivíduo é sempre mais do que o ser, pois carrega em si e nos seus contatos com o meio o potencial para mudar. Ser, para Grosz, a partir de Simondon, seria, ao mesmo tempo, um estado pré-individual, individualizante e individuado. Algo surge, mas ainda há condições para outros devires. De um estado pré-individual, individual e coletivo, de forças disparatadas, virtuais, potenciais, conjuntivas e disjuntivas, de matérias metaestáveis que geram tensões, pontos de excesso, problemas, instabilidades, pode surgir algo. A individuação seria o processo através do qual isso ocorre, não é algo previamente dado. Ao contrário, é disparada por alguma instabilidade, uma reordenação em algum nível. É a resposta, não a solução final. A individuação é uma dobra do pré-individual. É um processo de materialização de algo que não é exclusivamente material. A individualidade, portanto, é uma fase do ser, não o ser (origem ou fim).⁹

⁹ Grosz (2012, p. 42) também discute nesse artigo a transdução, que é o processo pelo qual uma atividade é gerada, elaborada e estruturada. A transdução é a geração de relações que se individualizam. A transdução “[...] crosses through the pre-individual to structure it so that something can emerge, can create itself from the resources and forces of the pre-individual.”. Pelo recorte que fizemos neste estudo, não faremos um detalhamento da transdução, mas vale frisar que, para Simondon, é o movimento da transdução que vai permitir o salto criativo do passado e do presente pré-individuais em direção ao futuro. Grosz afirma que a transdução é uma força que lida com problemas, com singularidades e particularidades; é a lógica da emergência, da erupção, pois articula a invenção e a criatividade de como os processos, os objetos e as práticas se produzem. Nesse sentido, a individuação acontece entre a matéria e a forma. Na vida, continua Grosz, os processos de individuação nunca terminam, nunca chegam ao fim. Como consequência das transduções, temos processos, inclusive, de individuações coletivas, sociais.

Para os estudos feministas, antirracistas e podemos incluir todo o campo da educação nessa lista, segundo Grosz (2012, p. 53), Simondon pode oferecer uma nova forma de ver e entender o mundo, especialmente quando não consideramos a identidade como um valor fixo. A subjetividade deixa de ser o centro da vida política e passa a ser vista como as condições que fazem com que a vida social e coletiva seja possível. A subjetividade deixa de ser a estabilidade que dá fundamento a uma política para ser entendida como um movimento de múltiplas operações; a subjetividade nunca é fechada, completa e previamente determinada.

Anne Sauvagnargues afirma que qualquer individuação é transitória, dinâmica e sujeita a tempos e devires; e as criaturas mudam nos movimentos de experimentação (SAUVAGNARGUES, 2016, p. xi e xvi-xvii).



dança com sóis, águas e estrela - 1 min 24 seg - p&b/estéreo - 2021

<https://youtu.be/IKNXAxSaQ4M>

A dança das águas do mar... Há algo de *ritornello* na individuação, afirma Sauvagnargues (2016). Os signos de todo tipo, ela continua, são encontros individuantes; entre códigos materiais e biológicos, entre qualidades funcionais e seus meios acontecem as interações, em agenciamentos coletivos de habitação. As individuações impessoais e as singularidades pré-individuais, para Sauvagnargues, implicam, por um lado, a individuação e a atualização e, por outro, a subjetivação e a consistência virtual. É dessa forma, relacionando a questão da individuação, da diferenciação/diferença, das hecidades, da imagem-movimento e da imagem-tempo, que Deleuze e Guattari constroem sua crítica à representação e à imitação, diz a autora.

Sauvagnargues discute, em Deleuze, a individuação na imagem, a individuação na literatura, a individuação como hecceidade, a individuação do pensamento, a individuação como devir, a individuação como construtivismo, a individuação como dissimetria. Em especial essa última, que mostra uma relação metaestável entre duas realidades em ressonância, é que permite a Deleuze pensar em uma individuação que não se confunde com a coisa ou com o sujeito (SAUVAGNARGUES, 2016, p. 65). A produção de subjetividade deleuze-guattariana é derivada de movimentos, de variações, relacionada a tempos intensivos e a signos de todo tipo que nos atravessam nas nossas máquinas desejantes, inclusive as sociais. Os fatores individuantes, nos alerta David Lapoujade (2015), seguem princípios plásticos, anárquicos, nômades, aberrantes, que nos atravessam circulando e se comunicando entre formas e matérias. Acontece no meio, *entre...*

Massumi (2019, p. 49) vai afirmar que “há, na verdade, apenas meio, pelo meio”. De acordo com essa colocação, reassinalamos a força dos *intermezzos*. Ao trazer essa discussão para o campo da educação, Amorim (2020) lembra que há pontos de conexão nos estudos sobre o currículo, mas há também os pontos de interrupção, como esses que tentamos construir neste artigo. Pensando a educação e os movimentos curriculares, como ‘signo do meio’, afirma Amorim (2020, p. 407):

Cada ponto de interrupção, os Intermezzos, são o motivo para uma nova face de um currículo retornar à visibilidade da sua percepção, e ganhar distintas velocidades conceituais, estéticas e práticas.

Reposiciona os lugares da escola nos atravessamentos culturais e sociais, chamando a atenção para um currículo que pode sonhar, imaginar, escrever e inventar vidas outras.

Amorim tem investido nesse pensamento sobre a educação e currículo como signo do meio, entre os campos de forças em que estamos mergulhados e vetores da arte (em especial das imagens e da literatura)¹⁰.

Talvez os *intermezzos* funcionem, nos projetos de pesquisa e de extensão, exatamente como Aion, o tempo das intensidades, o tempo dilatado, como um ‘fora’ de um currículo previamente desenhado, oportunizando meios em que outras individuações se tornem possíveis. Nas danças dos movimentos do tripé ensino-pesquisa-extensão, singularidades indissociáveis de nossa instituição, entre sóis, águas, estrelas, experimentamos outras vidas, aproximando-nos de

¹⁰ Cf. Nota 21 em AMORIM, 2012, p. 44.

outras possíveis. Cintilações se acendem e se apagam a instigar, dar a pensar, afetar todas as pessoas que são atravessadas, no nosso caso, por questões indígenas, afro-brasileiras e africanas.

Agradecimentos

Este é um desdobramento dos estudos de Pós-Doutoramento de Davina Marques em Educação, junto à Faculdade de Educação – UNICAMP, supervisionado por Antonio Carlos Rodrigues de Amorim. Agradecemos o financiamento da Pró-Reitoria de Desenvolvimento Institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), que viabilizou o afastamento remunerado para esta etapa de formação através de processo seletivo no Edital DDGP-PRODI-CPPD nº 2/2020.

Referências

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Deleuze e Currículo no intervalo de palavras e imagens. *In*: FERRAÇO, Carlos Eduardo; GABRIEL, Carmem Teresa; AMORIM, Antonio Carlos (Org). **Teóricos e o campo do currículo**. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2012. p. 43-55. (E-book GT Currículo). Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=52156>. Acesso em: 15 jul. 2021.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Diagramas para um currículo-vida. **Humanidades e Inovação**, Educação hoje: reflexões críticas, Palmas, v. 8, n. 5, p. 406-420, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2603>. Acesso em: 10 jul. 2021.

AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Duração do ser humano: imagens e percepções. **ComCiência**. Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, v. 94, p. 1-4, 2007. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=31&id=365>. Acesso em: 15 jul. 2021.

BARTHÉLÉMY, Jean-Hugues. Fifty Key Terms in the Works of Gilbert Simondon. Translated by Arne De Boever. *In*: BOEVER, Arne De; MURRAY, Alex; ROLFE, Jon; WOODWARD, Ashley (org.). **Gilbert Simondon: being and technology**. Edinburg: Edinburgh University Press, 2012. p. 203-231.

BOEVER, Arne De; MURRAY, Alex; ROLFE, Jon; WOODWARD, Ashley (org.). **Gilbert Simondon: being and technology**. Edinburg: Edinburgh University Press, 2012.

BRASIL. Lei n.º 10.639/2003, de 09 de janeiro de 2003. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília/DF, 09 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 08 nov. 2013.

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília/DF, 10 mar. 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em 23 jul. 2019.

BRASIL. Lei 11.892, de 29 de dezembro de 2008b. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília/DF, 29 dez. 2008b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/111892.htm. Acesso em 23 jul. 2019.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. Edição preparada por David Lapoujade. Organização e revisão técnica de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 3. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 2002a.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Volume 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Ed. 34, 2002b.

GIL, Jose. As pequenas percepções. *In*: LINS, Daniel (org). **Razão Nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 19-32.

GROSZ, Elizabeth. Identity and Individuation: Some Feminist Reflections. *In*: BOEVER, Arne De; MURRAY, Alex; ROLFE, Jon; WOODWARD, Ashley (org.). **Gilbert Simondon: being and technology**. Edinburg: Edinburgh University Press, 2012. p. 37-56.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21. ed. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2012.

hooks, bell¹¹. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2.ed. Tradução de Marcelo B. Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal**, Rev. Psicol., v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 edições, 2015.

LEÃO, Cláudia; BRITO, Maria dos Remédios de. Estalos, incidentes, acontecimentos. *In*: LEÃO, Ana Cláudia do Amaral; BRITO, Maria dos Remédios de (Org.). **Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes**. Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/UFPA, 2020. p. 136-144.

MANNING, Erin. Em direção a uma política da imediação. Tradução de Sebastian Wiedemann. *In*: DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian Wiedemann; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (org.). **Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...** Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019. p. 09-23.

MARQUES, Davina. Dos *intermezzos* ou “o que foi que aconteceu?”. **Coletiva - Educação e Diferenças e...**, n. 21. Publicado em 13 de abril 2022. Disponível em: <https://www.coletiva.org/educacao-e-diferencas-e-n21-dos-intermezzos-ou-o-que-foi-que-aconteceu-davina-marques>. Acesso em: 20 abr. 2022.

¹¹ Respeita-se a grafia da autora.

MARQUES, Davina. **Entre literatura, cinema e filosofia: Miguilim nas telas.** Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa)– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2013.

MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues de. Aforismos para um educar, entre imagens e palavras. In: CARVALHO, Janete Magalhães; SILVA, Sandra Kretli da; DELBONI, Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera (orgs.). **Currículos e artistagens: política, ética e estética para uma educação inventiva.** Curitiba: CRV, 2022. p. 263-280. (capítulo 17)

MASSUMI, Brian. Imediação ilimitada. Tradução de Sebastian Wiedemann e Susana Dias. In: DIAS, Susana Oliveira; WIEDEMANN, Sebastian Wiedemann; AMORIM, Antonio Carlos Rodrigues (org.). **Conexões: Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...** Campinas, SP: ALB/ClimaCom, 2019. p. 25-64.

ORLANDI, Luiz B. L. Indivíduo e implexa individuação. **dois pontos**, Curitiba, São Carlos, v. 12, n. 1, p. 75-82, abril de 2015.

PAULINO, Rosana. Afinal, qual é o lugar do texto nesta pesquisa? Ou Da necessidade de se pensar critérios diferenciados para o texto em Poéticas Visuais. In: LEÃO, Ana Cláudia do Amaral; BRITO, Maria dos Remédios de (Org.). **Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes.** Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ UFPA, 2020. p. 11-27.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea.** São Paulo: Iluminuras, 2000.

PRECIADO, Paul B. La izquierda bajo la piel. In: ROLNIK, Sueli. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível.** Estética e Política. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2009.

ROLNIK, Sueli. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAUVAGNARGUES, Anne. **Armmachines: Deleuze, Guattari, Simondon.** Tradução para inglês de Suzanne Verderber e Eugene W. Holland. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2016.

SAUVAGNARGUES, Anne. Crystals and Membranes: Individuation and Temporality. In: BOEVER, Arne De; MURRAY, Alex; ROLFE, Jon; WOODWARD, Ashley (org.). **Gilbert Simondon: being and technology.** Edinburg: Edinburgh University Press, 2012. p. 57-70.

VILELA, Eugénia; BÁRCENA, Fernando. Acontecimento. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (Coord.). **Dicionário de filosofia da educação.** Porto: Porto Editora, 2006. p.14-19.

WUNDER, Alik. Áfricas em ventos: fotografia e fabulação em criações de cartões-postais. *Studium*, Unicamp, Projetos Especiais – Divagações, n. p., 2011. Disponível em: <https://www.studium.iar.unicamp.br/divagacoes/10/index.html>. Acesso em: 10 jun. 2021.

WUNDER, Alik. **Fotografia, literatura e a poética do acontecimento**. Relatório Final de Atividades desenvolvidas no Programa de Pós-Doutorado Júnior (CNPq). Unicamp/Campinas: Faculdade de Educação, 2009.

WUNDER, Alik. Infância Yudjá e a educação em um mundo vivo: pensamentos em torno do filme Waapa. *In*: BARREIRO, Alex; CAVALCANTE, Nélia Aparecida da Silva; FARIA, Ana Lúcia Goulart de (Orgs.). **Pesquisas e pedagogias: educação para as diferenças**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020. p. 73-91.

WUNDER, Alik. Literaturas indígenas, educação e sonho: germinar mundos. **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, São Paulo, v. 39, n. 83, p. 141-155, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2021v39n83p141-155>.

WUNDER, Alik. Superfícies de encontro com o povo indígena Kariri-Xocó: imagens e o devir-planta. **Linha Mestra**, n. 38, p. 23-34. Maio.Ago 2019.

WUNDER, Alik; MARQUES, Davina; AMORIM, Antonio C. Rodrigues de. Pesquisa-experimentação com imagens, palavras e sons: forças e atravessamentos. **Visualidades**, Goiânia, v. 14, n.1 p. 104-127, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5216/vis.v14i1.43043>

166

Relatos:

FONSECA, Isabela. Mensagem sem título [texto enviado]. Destinatária: Davina Marques. Campinas, 27 mar. 2022. 1 texto. Acervo pessoal.

SANTOS, Bianca Freitas. **Coisas que aprendi vivendo**. [texto enviado sobre projeto]. Destinatária: Davina Marques. Campinas, 26 mar. 2022. 1 texto. Acervo pessoal.

VIEIRA, Ana Carolina Monteiro. Mensagem sem título [texto enviado]. Destinatária: Davina Marques. Campinas, 27 mar. 2022. 1 texto. Acervo pessoal.